

# Escolas ameaçam com aumento por conta própria

Estabelecimentos temem a falência geral se o reajuste não for concedido em fevereiro

**SANDRA MACHADO**  
Da Editoria de Cidade

Como em todo o País, as escolas da rede particular do Distrito Federal estão à beira da falência. Como afirmam seus proprietários, as que não fecharem ainda este ano o farão no próximo, caso não sejam efetuados os reajustes necessários, de acordo com as prioridades de cada estabelecimento. Eles ameaçaram, na última quinta-feira, paralisar as atividades ou aumentar as anuidades por conta própria se o Governo não se manifestar até fevereiro.

No Ministério da Educação, o secretário-geral Aloísio Sotero, avisou que qualquer aumento das anuidades, este ano, é ilegal e a Sunab poderá autuar os infratores. Segundo ele, o MEC só tratará do assunto em janeiro. Jaime Zweiter, vice-presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do DF e proprietário do Centro Educacional Laser que, após 24 anos de funcionamento, fechará suas portas em dezembro, atacou o Conselho Federal de Educação.

— As autoridades educacionais, com raras e honrosas exceções, procuram, por todos os meios e modos, dificultar nossas ações, como a invejar nossos padrões de qualidade, em contradição com aqueles alcançados pelas escolas estatais, embora estas sejam de custo muito mais elevado — revoltou-se. Zweiter usará o prédio que construiu há pouco tempo, numa área de 11 mil metros quadrados — onde encontram-se cinco blocos compostos de salas de aula, iluminadas e arejadas, pátesios cobertos, salas de artes, judô, dança, vestiários, salão de festas, biblioteca,

salas de estudo, auditório, refeitório, cozinha, playground, duas piscinas, duas quadras de esportes polivalentes, cantina etc — para funcionamento de consultórios médicos e dentários.

Segundo ele, esta foi a única solução que encontrou para não ter um prejuízo ainda maior e poder pagar a dívida do local. “Endividei-me com a construção do prédio e hoje ela chega a um montante de Cz\$ 4 milhões. Com as mensalidades defasadas desde 1969, pois são tabeladas desde aquela data, e o congelamento durante todo este ano, o que entrou mal deu para pagar os funcionários e professores, além dos encargos”, atestou o diretor.

O Laser tem uma receita mensal de Cz\$ 281 mil. Cerca de 80 por cento são gastos com as remunerações e encargos sociais, como impostos, INPS/INAMPS, manutenção, seguros e serviços em geral. “Precisaria ter Cz\$ 100 mil por mês, só para pagar a dívida que contrai com a construção das instalações”, acrescentou Zweiter. Seus professores recebem Cz\$ 1 mil 800 mensais. Com este salário, 21, dos 35 profissionais pertencentes ao quadro da escola, deixaram o cargo este ano.

— No final do ano passado acabamos com o 2º Grau. A equipe de professores era excelente, mas um dos professores saiu daqui dizendo que ia fritar pastéis para vender. Uma de nossas professoras foi ser caixa da C&A. Vários foram para outras profissões. Decidimos fechar até porque nosso padrão iria cair — revelou Magda Regina Garcia, diretora pedagógica do Laser. Ela conta que seus três filhos foram praticamente criados no lugar.

Para Magda, o fim do Laser é a perda de um espaço em termos de educação no DF. “Os pais estão saindo daqui tentando encontrar algo que se assemelhe ao nosso trabalho, que é muito especial. Os alunos e pais possuem inteira liberdade para entrar e sair da diretoria, onde conversam e expõem suas idéias de igual para igual. Todos os professores trazem seus filhos para estudar conosco. Batalhamos como se a escola fosse nossa”, assegurou a diretora.

## GERAÇÕES

Ela reafirma as gerações de alunos criados na escola. “O próprio Jaime (proprietário) trouxe seus filhos e agora os netos para estudar conosco. Uma de suas filhas hoje é nossa professora”. Segundo ela, para manter o treinamento especial que dão a seus professores, para adquirirem a filosofia de um ensino mais dinâmico e aberto, além de melhorar a qualidade do ensino, meta de toda a comunidade do Laser, seria necessária uma arrecadação bem maior que a atual, o que está impossível com a defasagem das anuidades.

— Agora, mesmo se as mensalidades fossem reajustadas, manteremos nossa posição de fechar. A notícia já espalhou e poderíamos cair no descrédito. Esta área foi liberada para clínicas médicas e vamos alugar as salas — acrescentou Magda. Uma manifestação de apoio, em meio a diversas recebidas pela diretoria do colégio, veio em forma de carta escrita por um pai que tem três filhas “crias” do Laser, intitulada “A Morte de Uma Escola”:

“Em toda a minha vida estudantil, bem como a de

meus filhos, nenhum colégio esteve tão intimamente ligado a nós como o Laser. Uma coisa tenho certeza: a criação do Laser foi feita com muito idealismo, muito amor, carinho. Só desta forma explica-se a alegria e a vontade com que as crianças frequentam esta escola. Não me lembro uma única vez em que uma de minhas filhas pedisse para faltar aula. Ao contrário, ficavam ansiosas para que as férias logo terminassem para retornarem aos estudos. Pude constatar que também os outros pais pensam desta mesma maneira. O Laser não morreu. Ele permanecerá em nossos corações”, frisou o pai Ginaldo Gomes da Silva.

Como um ode triste quanto ao futuro do prédio, ele profetiza: “Aquele prédio, que servirá doravante a uma clínica médica, será uma vítima. Antes, ele acolheu centenas de crianças alegres, brincalhonas, e, agora, terá que receber pessoas que não desejam procurá-lo, que o evitam, pessoas com algum tipo de doença, desejosas de se afastar dali. Certamente nossos filhos serão matriculados em outros colégios, dispersos, saudosos das amizades dos coleguinhas, dos tios e das tias, do portão, das salas de aula, enfim, do para sempre e inesquecível Laser”.

Uma de suas filhas, a pequena Isabela Gomes, que está na 5ª série, confirmou as previsões do pai: “Eu queria ficar aqui até terminar o 1º Grau. Estou aqui desde o maternal, quando eu tinha uns três ou quatro anos. Adoro tanto os professores como o resto. Quero ficar aqui”, reclamou ela. Disse que irá estudar no Alvorada, que fica na Asa Norte. “Não vai ser melhor”.



O diretor do Laser preferiu fechar as portas do que ver a qualidade do ensino cair